

## **Calvin e Haroldo: relações possíveis com Calvino e Hobbes<sup>1</sup>**

Diva Lea Batista da SILVA<sup>2</sup>

IMESA- Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis

FEMA – Fundação Educacional do Município de Assis

### **Resumo**

Este trabalho tem como objetivo verificar as relações percebidas entre as personagens de tiras em quadrinhos, Calvin e Haroldo, de Bill Watterson e os filósofos João Calvino e Thomas Hobbes. Com base em uma pesquisa bibliográfica, serão feitas possíveis relações entre o conteúdo de algumas tiras e o que se lê sobre a educação escolar.

**Palavras-chave: filosofia; histórias em quadrinhos; Calvino; Hobbes; educação escolar.**

### **INTRODUÇÃO**

Leitora há muitos anos das tiras de Watterson, no jornal “O Estado de São Paulo”, Caderno 2, e relacionando-as com o desprazer ou melhor, **a raiva, o desespero, a agonia** que muitos alunos, como Calvin, têm de ir à escola, de fazer deveres de casa, cartas, redações ou leituras como deveres de casa, percebi vários motivos para pesquisar as dúvidas que tinha sobre a relação dessa dupla com a filosofia e a educação escolar.

Fazia-me sempre estas duas perguntas que foram o fio condutor deste trabalho:

- 1- quais as relações existentes entre Calvin & Haroldo e os filósofos João Calvino e Thomas Hobbes?
- 2- seguindo essa linha de pensamento, há relação entre as tiras em quadrinhos de Watterson e a “ideologia da seriedade”, de Baêta Neves (1974), ainda tão permeada na escola, nos tempos atuais?

### **1. Conhecendo as Origens de Calvin e Haroldo**

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT 6, DT 6 – Interfaces comunicacionais. IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba/Pr.

<sup>2</sup> Doutora em Linguística (UNESP, Assis-SP); professora de Jornalismo do IMESA. E-mail: [divalea@femanet.com.br](mailto:divalea@femanet.com.br)

Nesta parte, apresento as biografias do autor das histórias em quadrinhos e tiras de “Calvin&Hobbes”, Bill Watterson, bem como dos dois filósofos em que ele se inspirou para fazer as suas histórias: João Calvino e Thomas Hobbes. Faço uma sucinta descrição das personagens principais das tiras em quadrinhos de Watterson, que foram coletadas no *site* [www.publico.clix.pt/calvin\\_and\\_hobbes/index](http://www.publico.clix.pt/calvin_and_hobbes/index) (Lisboa, Portugal).

Não pretendo neste trabalho detalhar toda a filosofia desses dois estudiosos (e nem é possível), pois não é o meu objetivo principal. Por isso, farei algumas considerações sobre as suas teorias que acredito estar relacionadas com algumas tiras em quadrinhos, de Bill Watterson.

### **1.1 Bill Watterson**

William B. Watterson II, mais conhecido como Bill Watterson, nascido em 5 de julho de 1958, em Washington, é o criador das histórias de “Calvin&Hobbes”, um garoto de seis anos, Calvin, e seu melhor amigo, um tigre de pelúcia chamado Haroldo. Formou-se no Kenyon College, em Gambier, Ohio, em 1980, com grau em Ciências Políticas. Casado com Melissa, eles moram em Hudson, Ohio.

Infelizmente, Bill Watterson parou de desenhar as tiras de “Calvin&Hobbes”, no dia 1º de Janeiro de 1996. As tiras de quadrinhos eram diárias e distribuídas em 14 países pela *Universal Press Syndicate*. A primeira tira foi lançada no dia 11 de novembro de 1985 e desde então, “Calvin&Haroldo” ganhou fama pelo mundo. Seus livros venderam mais de um milhão no primeiro ano, sendo que o último, “Os Dez Anos De Calvin & Haroldo”, alcançou a lista dos *best-sellers* do New York Times.

Esse autor é considerado tão bom escritor quanto desenhista. Ele não dá entrevistas, nem posa para fotos; seu endereço e telefone são segredos bem guardados; até seus contatos profissionais são feitos pela esposa. O que se sabe é que há anos Watterson disse ser impossível continuar mantendo indefinidamente seu altíssimo padrão de qualidade num trabalho para publicação diária. Ele não tem equipe e trabalha só. Nunca aceitou vender os direitos da história para camisetas, bonecos, desenhos, etc.

### **1.2 João Calvino**

O nome de Calvin, das tiras de Watterson, foi inspirado no reformador religioso do século XVI, Jean Cauvin, dito Calvin (1509-1564). O calvinismo era mais do que um



credo; era uma cosmovisão que abrangia todas as áreas da vida, tornando os puritanos ativos e corajosos instrumentos de transformação institucional.

Já Portela (2005) comenta em sua obra que não pretende tratar dos “Pecados do Calvinismo”, nem escrever contra ele. Porém cita em seu artigo os cinco pecados que ameaçam os calvinistas: 1- O pecado do orgulho espiritual; 2- O pecado da intolerância fraternal; 3- O pecado da acomodação no aprendizado; 4- O pecado da falta de ação; 5- O pecado do isolamento.

Neste trabalho, irei relacionar o 3º pecado – **a acomodação do aprendizado** - às tiras de Calvin&Hobbes.

### 1.3 Thomas Hobbes

Haroldo recebeu o nome de Thomas Hobbes (1588-1679), matemático, teórico político do século XVII, e filósofo inglês, autor de “Leviatã” (1651) e “Do cidadão” (1651), entre outras.

De acordo com Hobbes, a sociedade precisa de uma autoridade em que todos os seus membros têm o dever de ceder o suficiente da sua liberdade natural, de forma que a autoridade possa assegurar paz interna e defesa comum, isto é, os homens só poderiam viver em paz se concordassem em submeter-se a um poder absoluto e centralizado. Defensor do absolutismo estatal do Rei, Hobbes criou uma teoria que fundamenta a necessidade de um Estado Soberano como forma de manter a paz civil.<sup>2</sup>

Com o conhecimento eclético adquirido por meio de vários estudos (empirismo de Francis Bacon; racionalismo de Euclides/Tucídides, inventor da história racionalista; racionalismo de René Descartes etc.), Hobbes formulou, sua própria metodologia (vontade de organizar o mundo) para a fonte do conhecimento: o empirismo racionalista. Essa metodologia original foi aplicada em sua ciência política, ao analisar os fatos sociais, deduzindo conceitos, nominando-os e, por fim, colocando-os em uma ordem sistematizada. Essa transformação de conceito para palavra e o chamado **nominalismo**. Hobbes fazia construções lógicas, deduzidas dos conceitos formulados da realidade humana. Sempre mostrou grande interesse pelos problemas sociais, sendo fiel defensor do despotismo político.

---

<sup>2</sup> De acordo com Aranha & Martins (1993:212, grifos meus), “o poder do Estado se exerce pela força, só a iminência do castigo pode atemorizar os homens. Os pactos sem a espada [sword] não são mais que palavras [words]”. Atenção ao trocadilho!

O Estado é o objeto de análise de Hobbes, e o elemento formador desse Estado é o homem. Quando analisa o Estado, Hobbes faz como o relojoeiro ao tentar conhecer a mecânica de um relógio: decompõe o Estado, analisa seus elementos, que são os homens e depois reformula o Estado (utilização do método resolutivo/compositivo, isto é, análise/síntese, a composição daquilo que foi detalhadamente analisado).

## 1.4 Personagens das tiras de Bill Watterson<sup>3</sup>

### 1.4.1 Calvin

Calvin é uma criança de seis anos, de classe média, que dedica parte integral do seu tempo para infernizar a vida de seus pais, sua vizinha, sua babá, sua professora e, não raro, de seu tigre de pelúcia. Um menininho que possui as preocupações de um adulto, mas as reações de uma criança.

Ele vê o mundo diferente de como nós vemos, ou ... de como os adultos veem. Como qualquer criança, ele não leva uma vida diferente das outras: passa as tardes brincando e as manhãs na escola; é difícil para comer (ainda mais quando é estrogonofe ou espinafre); luta para não dormir e para não se levantar da cama (principalmente para ir à escola); adora brincar na neve e em caixas de areia... Deve ser por isso que ele me **seduziu**..., por apenas ser uma criança.

Outra parte interessante das tiras de Calvin são as suas aventuras, todas elas sempre com um toque realista. Quando ele se transforma em algum de seus alteregos, animais ou simplesmente em algo relacionado à brincadeira que o levou a imaginar, nota-se um contraste nos traços do autor. Dinossauros por exemplo, sempre retratados com imenso realismo; Tracer Bullet, sempre com tiras com ênfase na cor preta e em um vocabulário de filmes de detetive dos anos 40 e 50.

A relação dele com seus pais é muito “espirituosa” e, ao mesmo tempo, “profissional”, principalmente com seu pai, que sempre está com seu mandato de pai em avaliação (se ele começar as aulas de direção ou aumentar a mesada, pode ajudar). Já com a mãe, bem... ela é a chefe, a ditadora da casa. Calvin sempre pergunta a ela se pode fazer algo que ele **sabe** que não está certo, mas na maioria das vezes, ele ignora

---

<sup>3</sup> As afirmações de Watterson contidas neste trabalho foram colhidas do site [www.calvineharoldo.com.br](http://www.calvineharoldo.com.br) Acesso em 28 set.2007.

esse seu conhecimento de errado, e faz sem consultá-la, como se ele não soubesse que é errado.

Mas ele nunca foi **literalmente** uma criança de seis anos. Pelas leituras feitas e depoimentos de Watterson, é incluído muito desse autor na personalidade de Calvin, que adora usar um vocabulário difícil ou que não é normal para grande parte das crianças. Segundo Watterson, o nome Calvin veio de um teólogo chamado Jean Calvin (João Calvino), que acreditava piamente em predestinação, o que é retratado em várias tiras.

Ao contrário de que muitos pensam, Calvin não foi baseado nas memórias de infância do autor e nem veio do nome de um filho de Watterson.

Para falar a verdade, eu não tenho filhos e, na minha infância, eu fui uma criança muito calma e obediente, praticamente o oposto de Calvin.

Uma das coisas mais divertidas em escrever Calvin é que geralmente não concordo com suas atitudes. Eu uso essa personagem como um modo de deixar minha imaturidade fluir, como uma maneira de ridicularizar as minhas próprias obsessões, como um modo de manter a minha curiosidade sobre o mundo natural e como uma maneira de comentar a natureza humana. Muitas das facetas do Calvin são, na verdade, faces de mim mesmo. Eu suspeito que grande parte de nós envelhece sem crescer, e dentro (às vezes não tão dentro) de cada adulto existe uma criança que quer que tudo aconteça de acordo com sua vontade. Eu não gostaria de ter o Calvin na minha casa, mas no papel, ele me ajuda a levar a vida e a entendê-la.

#### 1.4.2 Haroldo

Haroldo é o tigre de pelúcia que tenta, na medida do possível, “enfiar” um pouco de juízo na cabeça de Calvin. Conforme o próprio Calvin, Haroldo é o melhor amigo que alguém poderia ter. O nome Haroldo vem de um filósofo do século XVII chamado Thomas Hobbes. Este, como já dissemos, “fazia construções lógicas, deduzidas dos conceitos formulados da realidade humana” e também possuía uma visão obscura e pessimista da natureza humana, aspectos a que o tigre compartilha.

Muitas coisas que fazemos e nos parecem normais, para Haroldo são estúpidas e sem qualquer explicação lógica, como podemos ver em tiras em que este aparece questionando o tratamento que damos ao planeta. Haroldo parece ter a dignidade, a paciência e o bom senso, que são cada vez mais raros em muitos dos seres humanos. Foi inspirado em Sprite, uma das gatas de cor cinza que o autor possuía.

Sprite não apenas me forneceu as características faciais e a idéia do corpo longo do Haroldo, como também foi modelo para a sua personalidade única. Ela era

bem-humorada, inteligente, amistosa, e me entusiasmava o jeito que ela chegava de mansinho e pulava em cima de mim.

Como a maioria das histórias de animais, o humor vem de seu comportamento humano. Haroldo fica de pé e fala, mas Watterson preserva o lado felino do bicho, sua privacidade e tato, tanto de seu comportamento físico quanto de sua atitude, junto com seu imenso orgulho contido em não ser humano, quando comenta: “Como Calvin, eu normalmente prefiro a companhia de animais a pessoas e Haroldo é minha idéia de amigo ideal.”

### **1.4.3 Pais de Calvin**

O autor não dá nomes aos pais do Calvin porque, nas tirinhas, eles são importantes apenas como “seu pai e sua mãe”. O pai de Calvin foi concebido para ser um auto-retrato.

Todos os meus personagens são sempre metades minhas, mas o pai de Calvin é também uma sátira ao meu próprio pai. Todas as tirinhas em que se mostra como o "sofrimento constrói o caráter" são, na verdade, transcrições de frases do meu pai me explicando por que nós estávamos congelando, exaustos, famintos ou perdidos em viagens de acampamentos. Essas coisas são bem engraçadas, depois que já se passaram 25 anos.

A mãe de Calvin interpreta o papel de educadora, um trabalho que põe à prova a sua paciência e equilíbrio emocional. Muitas vezes, ela assume o papel disciplinador, um trabalho que a deixa, muitas vezes, maluca. O autor lamenta, em uma das entrevistas dadas, que as tirinhas, em sua maioria, mostrem o seu lado impaciente, mas ele tenta passar também, sempre que possível, outros aspectos da sua personalidade e alguns de seus interesses, mostrando o que ela está fazendo quando Calvin chega.

Recorda o autor:

De início, os pais de Calvin foram alvo de críticas por parte dos leitores, por serem pouco carinhosos e desnecessariamente sarcásticos. Na época, era incomum uma tira desenhada concentrar-se nos aspectos exasperantes das crianças sem que isso fosse acompanhado por uma quantidade de manifestações de ternura e sentimentalismo, para adoçar as coisas.

Como personagens secundários, de acordo com o autor, ele tentou fazer os pais de Calvin o mais realista possível, com um razoável senso de humor sobre o que é ter



uma criança como Calvin dentro de casa: “Eu considero que eles fazem um trabalho melhor do eu faria.”

#### **1.4.4 Susie, a colega de escola**

Susie Derkins é séria, esperta e inteligente. Tipo de garota pela qual Watterson se sentiu atraído, se apaixonou e com quem se casou. Ela tem esse nome nas tiras devido ao nome do cachorrinho *bassê*, “Derkins”, da família da esposa de Watterson.

Pelas tiras que li, parece-me que Calvin tenha uma “queda” por ela, porque passa tentando aborrecê-la em várias tiras, o que faz insultá-lo, ficar brava e brigar com ele, mas sempre ele quer ficar ao lado dela. Susie fica muitas vezes nervosa, assustada e chateada com ele e devolve as brincadeiras e, às vezes, estranha o comportamento de Calvin. Isso apenas o provoca mais e faz com que ele invente mais maluquices. Segundo Watterson, essa pode ser uma boa dinâmica: “nenhum dos dois entende o que se passa, o que acontece entre eles, o que geralmente acontece na maioria dos relacionamentos.”

#### **1.4.5 Sra. Wormwood, a professora**

Watterson foi buscar o nome da professora de Calvin na figura do demônio-aprendiz das “Screw Tape Letters”, de C. S. Lewis. Existem indicações, marcas em certas tiras de que ela está esperando alguma reforma em leis educacionais para se aposentar, que fuma muito e toma uma grande quantidade de remédios. Comenta Watterson: “Sinto uma grande simpatia por Miss Wormwood (*Worm*- minhoca, verme; *wood*= madeira). Creio que ela realmente acredita nos valores da instrução, então eu acho que eu nem preciso dizer que ela é uma pessoa infeliz.”<sup>4</sup>

#### **1.4.6 Rosalyn**

Talvez a única pessoa que Calvin teme é a sua babá, Rosalyn, que também parece intimidar os pais de Calvin, aproveitando-se da necessidade deles de sair de casa para conseguir adiantamentos e aumentos de salário.

Eu a coloquei em uma das tiras de domingo sem nunca ter pensado em ela ser um personagem regular, mas a intimidação de Calvin por ela me surpreendeu,

---

<sup>4</sup> Percebi aqui também que o próprio Watterson parece não valorizar a profissão de professor. Talvez seja esse motivo que o faz colocar Calvin como uma criança que detesta ir à escola, fazer dever de casa, não gostar de ler etc.

então ela fez algumas aparições desde então. A relação de Rosalyn com Calvin é única, então as histórias com a babá são cada vez mais difíceis de escrever, mas para um personagem que entrou depois na tirinha, eu acho que ela cumpriu o seu papel. Mas só pelo fato de suportar todas as travessuras, fugas de Calvin ela já deve ter lugar cativo no Céu...

## 2. Calvino & Hobbes versus Calvin e Haroldo

Tendo em vista a natureza deste trabalho, reuni os dados que acreditei serem mais objetivos para analisar algumas tiras de Watterson. De acordo com esse autor, a origem dos dois nomes de suas principais personagens, Calvin e Haroldo, muitas vezes, é entendida por pessoas que estudam Ciência Política como uma piada e poucas pessoas entendem a relação que faz com Calvino e Hobbes.

Desse modo, destaco neste trabalho alguns aspectos de suas teorias que creio estar relacionados com as tiras de Watterson, procurando responder à **1ª pergunta** que me fiz:

**- quais as relações existentes entre Calvin & Haroldo e os filósofos João Calvino e Thomas Hobbes?**

### 2.1 João Calvino

Abordaremos nesta parte o 3º pecado do calvinismo, isto é, “o **pecado da acomodação ao trabalho**”, não como pecado, mas como “preguiça mental”, relacionando-o com algumas tiras de Watterson. Em várias de Calvin, percebi que ele realmente se *acomodou*; acredita que já dominou todos os conhecimentos, acha que não precisa mais ir à escola e tem, além da “preguiça mental”, a preguiça física também, pois quer que sua amiga Susie ou Haroldo faça os trabalhos e pesquisas dele.

### 2.2 Thomas Hobbes

Destacamos as seguintes relações entre alguns conceitos de sua teoria e as tiras de Watterson:

a) **manutenção da paz civil/iminência de castigo**: Haroldo, em algumas tiras, tenta resolver as situações conflitantes que Calvin provoca com suas ações, das quais tem medo;



b) **transformação do conceito para palavra**: o tigre de pelúcia do Calvin tem um nome, Haroldo, e tem a palavra, quando conversa com o menino longe das outras personagens, auxiliando-o tanto nas travessuras como nos estudos;

c) **método resolutivo/compositivo** (análise/síntese) de Hobbes: em certas tiras, Haroldo analisa o problema criado pelas outras personagens ou pelo próprio Calvin e explica a solução ao menino;

d) **imposição de vínculos de obrigação permanente entre os homens**: isso ocorre nas relações sociais de Calvin como: não brigar com Susie, sua colega de escola; não brigar com a babá; ir todos os dias à escola; fazer todos os deveres escolares, etc.

e) **razão/imaginação**: com a razão, o homem se compromete com o seu discurso: há expressões, certas palavras usadas por Calvin que não são do uso de uma criança de seis anos. Em outros momentos, ele se retira do mundo da razão e vai para o mundo privado de sua imaginação, com o uso da “caixa duplicadora”: cria vários “Calvins”, para cometer suas travessuras e fugir depois de cometê-las; da “caixa do tempo”: ir para o futuro para ter seu dever de casa, sua redação resolvidos, etc., em vez de enfrentar seus problemas no mundo comum e público, que poderá ajudá-lo, tomando uma decisão em conjunto.

Para compreender a relação real/imaginário, é preciso romper com o pensamento linear Moderno e exercitar um outro, **um pensamento tridimensional** (em perspectiva). Podemos voltar, agora, às tiras de Calvin, e observarmos o seu conteúdo a partir de um outro prisma. Aliás, devemos considerar que esse personagem tem como principal característica a capacidade de transportar as contradições da Modernidade para um mundo lúdico, de sonhos, do imaginário, e lá buscar-lhes um certo equacionamento. (...) O que faz Calvin? Problematiza a questão do relacionamento entre aquele **sentido particular** e um **sentido dito coletivo**, ampliado, generalista, identificado **por ele** como o gosto de um “consumidor médio” (...) Em outras palavras, temos, de um lado, uma estrutura social determinada, da qual todos participam e, de outro lado, o Sujeito individual que não deixa de realizar micro-transformações, em um diálogo com o todo e com outros sujeitos individuais que leva à transformação das práticas cotidianas que, por sua vez, sustentam um modo de percepção que legitima a estrutura social. É um caminho de mão dupla, dialético, ou diria **trialético** (envolve o Sujeito, o Outro, e o Coletivo). (LOPES, 1998:4, grifos meus)

### 3. Relações entre as tiras em quadrinhos e a educação escolar



Em minha trajetória profissional como docente, percebo que a escola se preocupa muito mais com o **princípio da realidade** do que com o **princípio do prazer**, pois dominada pelos critérios de utilidade e produção e inserida em uma sociedade consumista, ela quer ir direto ao assunto: **há uma pressa incrível para tudo**. E a educação não foge dessa regra; ela é tão apegada ao princípio da realidade que torna tudo muito difícil para os alunos: “Escola foi feita para aprender e não para brincar”. Há tantas críticas que faço até trocadilhos quando se fala em cartilhas de alfabetização: “Caminho Suado”, em vez de **Caminho Suave** (LIMA, 1995); “No reino da tristeza”, em vez de **No reino da alegria** (ALMEIDA, s/d) etc. Concebe-se a aprendizagem e o ensino unicamente como fontes de desprazer.

Um dos motivos pode ser, segundo Baêta Neves (1974), a “ideologia da seriedade”, que, como forma de dominação cultural, nos impõe normas e padrões que rodeiam o nosso dia-a-dia e compromete-nos com as tradições culturais comuns a toda sociedade. Somente o que é sério é científico e ligado ao saber, o rir é desvinculado do pensar. De acordo com a “ideologia da seriedade”, o cômico e o riso não devem ser levados a sério; são inconseqüentes, momentâneos e sem importância. Tal ideologia nos impede de ter uma visão crítica de toda a sociedade e exerce uma repressão sobre a análise e crítica sociais, muitas vezes possível através do humor.

Devido a essa ideologia e ao desconhecimento do uso de histórias em quadrinhos (HQs) em aulas, esse tipo de texto ainda é muito criticado tanto por docentes como pais de alunos, pois não creem na eficiência desse suporte de texto. Isso responde à **segunda pergunta** feita no início deste trabalho:

**Há relação entre as tiras em quadrinhos de Watterson e a “ideologia da seriedade”, de Baêta Neves (1974), ainda tão permeada na escola, nos tempos atuais?**

Verifiquei que existem várias relações por meio da análise e interpretação de muitas tiras de Calvin & Haroldo, porque a escola, o conteúdo trabalhado nela, muitas vezes, se tornam enfadonhos, desinteressantes, indesejados, pois muitos docentes não criam oportunidades para o aluno pensar. Este, muitas vezes, é castigado porque expõe a sua opinião, critica sobre o que vê...

Como podemos modificar essa situação?

Para mim (SILVA: 2000), um conhecimento será prazeroso se estiver relacionado com o dia-a-dia, com o jogo, com a experiência concreta e isso acontecerá se o professor, dando espaço à sua própria imaginação criadora, perceber a arte presente no seu cotidiano e no do aluno. Somente assim, o professor permitirá o encontro do prazer na escola, que pode estar ao mesmo tempo e em toda parte, desde que ele se permita entrar no espaço de sua própria imaginação, que poderá ser estimulada com o jogo, em um ambiente de arrebatamento e entusiasmo, quando se “joga” com as palavras, por exemplo, por meio de adivinhações, trocadilhos, metáforas.

Você joga porque essa atividade é acompanhada “por um sentimento de exaltação e tensão, seguida por um estado de alegria e distensão” (HUIZINGA, 1990:147).

São esses sentimentos que podem provocar o prazer antes, durante e após o jogo verbal realizado. **Exaltação**, pelo incentivo, motivação do professor no início da atividade; **tensão**, dele e do aluno diante das surpresas que a atividade pode provocar; **alegria** e **distensão**, de ambos durante e no término da atividade.

O que aciona o prazer? O que constitui a fonte do prazer? Todo prazer é consequência de um desejo; é este que ativa a busca de situações de prazer. O desejo é a energia que faz com que se viabilize e se operacionalize, em nosso caso, toda atividade lingüística. É o **querer-fazer!** Misterioso é esse elo entre conhecimento e desejo, desejo e prazer, idéia e afeto!

Essa busca do prazer deve acontecer não só no sentido individual, intrapsicológico (eu/professor, eu/aluno), mas também deve ser construída no coletivo, no nível interpsicológico: “nós” - eu (professor) e meus alunos. Nessa busca, expandimos o nosso conhecimento, e nosso prazer pela vida pode aumentar.

Para tanto, resgato a famosa relação entre saber, sabedoria e sabor, estabelecida por Barthes, no fim de sua aula inaugural no Collège de France (1977), citada por Perrone-Moysés (BARTHES, 1988:14, prefácio do livro): a dicotomia saber/sabor. Essas palavras, unidas pela mesma etimologia latina, geralmente, são desligadas no uso: o "saber" é considerado "obrigação" pela maioria das pessoas e, obviamente, desvinculado do "sabor".

Resgatar "o gosto das palavras": só se aprende quando se gosta, é como saborear uma comida gostosa. Nessa comparação, percebo a relação do aspecto cognitivo com o

emocional, do processo da leitura e da escrita com a motivação, a criatividade e o prazer, se trabalharmos com atividades que sejam significativas aos alunos.

Barthes (1988:49) considera importantes três tipos de **prazer de ler**:

1º) **relação fetichista** - o leitor tira prazer das palavras;

2º) **relação de suspense** - o leitor é “puxado para frente” por uma força ao longo da leitura do livro, e

3º) **relação-produção** - a leitura conduz ao desejo de escrever.

Nessas três relações do leitor com o texto, percebo uma base “prazerosa” para o processo de ensino/aprendizagem: “Quero escrever porque li algo que me deu prazer, que me deu vontade de escrever! Não vou escrever a respeito do autor que li, nem **como** ele escreveu ou porque o professor mandou!”

Na **relação fetichista**, de procurar tirar prazer com as palavras criadas, com a leitura do verbal e não-verbal em sala de aula, provoco a segunda relação, a de **suspense**, nas atividades de levantamento de suposições e hipóteses com base em HQs, gravuras, músicas, poesias etc.

Após essas atividades, os alunos desinibidos e “grávidos” de idéias, podem passar a escrever mais fluentemente (**relação-produção**): produção de textos orais ou escritos.

Acredito que a criatividade e a imaginação devam ter um lugar de destaque no processo educativo, não exatamente porque todos nós sejamos artistas, mas porque quando aprendemos a inventar, aprendemos também a pensar.

Segundo Huizinga (1990:149, grifos meus),

o eterno abismo entre o ser e a idéia só pode ser franqueado pelo **arco-íris da imaginação**. Os conceitos, prisioneiros das palavras, são sempre inadequados em relação à **torrente da vida**; portanto, é apenas a palavra-imagem, a palavra figurativa, que é capaz de dar expressão às coisas e ao mesmo tempo banhá-las com a luminosidade das idéias: **idéia e coisa são unidas na imagem**.

### **Considerações Finais**

Com base nas leituras feitas, faço as seguintes considerações:

1) Concordo com Watterson que a idéia das duas versões do Haroldo (animal/brinquedo) é geralmente mal compreendida, pois há momentos em que, como leitora, eu mesma não consegui separar a ficção da realidade em muitas tiras. O tigre é

mais do que um brinquedo: parece-me que Haroldo faz/fala aquilo que Calvin quer fazer/falar e não pode.

Eu não penso no Haroldo como um boneco que milagrosamente ganha vida quando Calvin está por perto. Também não penso nele como um produto da imaginação de Calvin. Ele vê Haroldo de uma maneira, e os outros personagens de outra. Eu mostro duas versões da realidade, e cada uma delas faz total sentido para o personagem que participa da cena em questão. Eu acho que é assim que a vida é... Nenhum de nós enxerga o mundo exatamente da mesma maneira, e eu apenas passei este sentimento para a tirinha. (Bill Watterson)

2) As tiras de Calvin, para um leitor atento e sabedor do que acontece na educação escolar atual, conseguem tocar mais nos fatos reais dessa educação, porque algumas delas são mais políticas do que certas reportagens veiculadas pela mídia. Isso acontece justamente por se situarem em um gênero em que as violações linguísticas e imagéticas são mais aceitáveis e permitidas.

3) É interessante observar nesse suporte de leitura que as personagens raras vezes envelhecem e suas características são facilmente reconhecíveis, porque se mantêm inalteradas quase sempre, a não ser em uma tira de Calvin que ele corta o cabelo, o que dura o tempo de uma tira, pois, no dia seguinte, seu cabelo já cresceu. Isso tudo apresenta um ponto a favor do leitor, pois podemos ficar vários dias sem ler o jornal, no caso, “O Estado de S. Paulo”, sem que deixemos de entender a narrativa apresentada.

4) Calvin, em algumas tiras, nos entretém sem se comprometer; em outras, nos leva à reflexão sobre como a escola não estimula o aluno a pensar; como ela é “chata”, o que faz com que Calvin, por exemplo, deteste levantar cedo para ir estudar, etc.

5) Sobre criar fantasias, Calvin é “inédito”. Todos nós temos fantasias e até vivemos uma de vez em quando, mas ele é muito dinâmico para uma criança de seis anos (creio eu), que vive suas fantasias em simultâneo com a realidade. Parece que não lhe sobra forças e tempo para mais nada. Pensa como uma criança de classe de educação infantil ou 1ª série do ensino fundamental que não faz adições simples, mas sabe de cor todos os nomes dos dinossauros.

6) Parece-me que Watterson retira toda a “energia” de sua série, da mistura entre a suposta “ignorância” de Calvin e a sua capacidade de imaginar, levantar suposições. Para mim, em certas situações narradas em suas tiras, Calvin exagera demais em seus

atos e falas para ser real. Será que algum de nós conseguiria viver (conviver) com Calvin, sem ter a grande tentação de dar-lhe umas palmadas ou responder “porque sim” às suas perguntas? Nesse sentido, foi curioso saber em minhas pesquisas que Watterson teve licenciatura em Ciências Políticas; seu primeiro emprego foi como cartunista político, mas foi despedido porque lhe faltava mais experiência, “jogo de cintura” para tratar certas questões polêmicas, o que deixa transparecer por meio do Calvin em algumas tiras.

7) Com frequência, percebo como educadora, a ocorrência do 3º pecado - **da acomodação no aprendizado** -, também em muitos colegas que acreditam que já dominam todos os conhecimentos, que não precisam fazer mais nenhum curso. Repetem sempre as mesmas “verdades”, desprezando a experiência do outro, a riqueza da troca de experiências, seja em seu campo de atuação ou em reuniões, congressos, eventos científicos etc. Pode ser que acreditem, infelizmente, que já dominaram tudo o que se pode saber, dedicando-se a grandes e extensas discussões, como se mestres fossem.

Creio como Bill Watterson que

O truque em escrever uma tira de quadrinhos é cultivar uma atitude brincalhona mental - uma curiosidade natural e interesse por aprender. Se eu mantiver meus olhos abertos e seguir os meus interesses, cedo ou tarde, o esforço renderá questões, pensamentos e idéias - caminhos inesperados para novo território. Como Calvin, eu apenas saio no jardim em busca de esquisitice e com a atitude certa, eu faço descobertas.

Concluindo, Calvin, personagem do cartunista Bill Watterson, é famoso no mundo inteiro pela abordagem diferente feita sobre problemas típicos dos valores correntes do mundo contemporâneo, principalmente aqui em neste trabalho em que destaco algumas relações entre o que ocorre na escola e os acontecimentos presentes em seu cotidiano infantil.

A visão bem-humorada, porém, muitas vezes sarcástica, de Calvin parece ser uma saída para uma educação desgastada, corroída pelas contradições que lhe são inerentes, seja pela falta de preparo de muitos docentes, seja pela compreensão que muitos têm da escola, e a conseqüente angústia no espírito das pessoas, principalmente de muitos pais.

De acordo com Garry Trudeau,

Há poucas fontes de humor mais constantes e regulares do que a mente de uma criança. Muitos cartunistas, ao criar personagens infantis, reconhecem isto, mas quando eles se propõem a captar o ativo mundo infantil, quase sempre se enganam, criando vergonhosamente crianças irreconhecíveis, ou seja, espertinhos, miniaturas de adultos. (...) a maioria das pessoas que escreve histórias em quadrinhos para menores demonstra surpreendente pouco tato - ou fé - ao lidarem com esta fonte original de material que é a infância, em toda a sua simplicidade e doçura. É neste aspecto que Bill Watterson se mostra tão original quanto seus personagens, Calvin e Haroldo. Watterson, o escritor, acertou ao captar com precisão a infância como ela realmente é, com suas constantes mudanças no sistema de referências. Qualquer um que tenha passado algum tempo com uma criança, sabe que, para elas, a realidade depende profundamente da situação. Uma afirmação que um adulto julga ser uma 'mentira', pode muito bem refletir uma profunda convicção da criança, pelo menos no momento em que esta aflora. A fantasia é tão acessível e é vivida com tal força e frequência, que pais ressentidos como os de Calvin, convencem-se de estarem sendo manipulados, quando a verdade é muito mais assustadora: eles nem mesmo existem. A criança é ao mesmo tempo rainha e guarda do seu reino, e pode mostrar-se muito exigente quanto aos companheiros que escolhe. Esta exclusividade, é claro, apenas provoca em alguns adultos a tentativa de recobrar os dons da infância para si próprios para, em realidade, tentar recuperar o irrecuperável. Uns poucos desesperados, fazem coisas que posteriormente os levarão a um centro para doentes nervosos. O restante de nós, mais sensatos, lê Calvin & Haroldo. (Disponível em: [www.calvinbr.hpg.ig.com.br/calvin.htm](http://www.calvinbr.hpg.ig.com.br/calvin.htm). Acesso em: 18 mar. 2005)

## Bibliografia

ALMEIDA, D. de P. F. **No reino da alegria**. São Paulo: IBEP, s.d.

ARANHA, M. L. de A; MARTINS M. H. P. **Filosofando**: uma introdução à Filosofia. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1993.

BAÊTA NEVES, L. F. A ideologia da seriedade e o paradoxo do coringa. **Revista de Cultura Vozes**. v. LXVIII, p.35-40, jan/fev., 1974.

BARTHES, R. **O rumor da língua**. Trad. M. Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988.

HUIZINGA, J. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. Trad. J. P. Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 1990.

LIMA, B. A. de. **Caminho Suave**. 113. ed. São Paulo: Caminho Suave, 1995.

LOPES, M. J. A. **Jornalismo e a construção do espaço global**. In: XXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, GT Jornalismo, Recife, Pernambuco, set.1998. (texto digitado)

PORTELA, S. **Cinco pecados que ameaçam os calvinistas**. Disponível em:  
[www.solanoportela.net](http://www.solanoportela.net). Acesso em 20 out. 2005.

SILVA, D. L. B. da. **Do pensar ao escrever**: um prazer. Assis/SP, 2000. 341p. Tese  
(Doutorado em Filologia e Lingüística Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras,  
Universidade Estadual Paulista.

WATTERSON, Bill. **Calvin & Hobbes**. Trad. Helena Gubernatis. Lisboa: Gradiva, 2004.

\_\_\_\_\_. **O progresso científico deu “tilt”**. Trad. A. R. L. Seadon. São Paulo: Best Ed., 1991©.

#### SITES CONSULTADOS

[www.bedeteca.com/index](http://www.bedeteca.com/index)

[www.calvineharoldo.com.br/personagens.htm](http://www.calvineharoldo.com.br/personagens.htm)

[www.calvinbr.hpg.ig.com.br/calvin](http://www.calvinbr.hpg.ig.com.br/calvin)

[www.calvineharoldo.com.br/bill.htm](http://www.calvineharoldo.com.br/bill.htm).

[www.publico.clix.pt](http://www.publico.clix.pt)

[www.solanoportela.net](http://www.solanoportela.net)

[www.wikipedia.org/wiki/Calvin\\_and\\_Hobbes](http://www.wikipedia.org/wiki/Calvin_and_Hobbes)